
Bacharelado em Educação Física

Jorge Lazaro Polettini

**Motivação em equipes de futebol e futsal:
A influência do técnico**

Jorge Lazaro Polettini

Motivação em equipes de futebol e futsal:
A influência do técnico.

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2009

Polettini, Jorge Lazaro
Motivação em equipes de futebol e futsal: a influência do técnico /
796.01 Jorge Lazaro Polettini. - Rio Claro : [s.n.], 2009
P765m 33 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos 2. Motivação em equipes. 3.
Futebol. 4. Futsal. 5. Motivação. 6. Psicologia do esporte. 7. Técnico
esportivo. I. Título.

I
I

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Luiz e Angela, aos meus irmãos, Anelise e Alexandre e a minha namorada, Aline.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a minha família e a minha namorada, Aline.

Ao Prof. Dr. Afonso Antonio Machado pela orientação desse trabalho.

A Rep. Berinjela (Thiagão, Gordão, Dudu, Diniz e Neto), pelos momentos vividos.

Aos amigos do meu ano que marcaram muito: Marcão (Gordinho), Geise (Tuka), Dedão, Marol, Cumprido, Mangava e aos meninos da Rep. Deic (Pillinha, PC, Enthoni, Guizinho e Gustavão).

Aos veteranos e veteranas que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação na Unesp (Cutia, Cesão, Fabi, Gordão, Gigalove, Knela e todos os outros).

Obrigado a todos os citados e os que esqueci de citar também!

Valeu!!!

SUMÁRIO

	Página
RESUMO.....	V
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. REVISAO DE LITERATURA.....	02
2.1 Motivação.....	02
2.2 Motivação e motivo.....	04
2.3 Motivação intrínseca e extrínseca.....	05
2.4 Papel motivador do técnico.....	07
2.5 Relação técnico/atleta.....	08
2.6 O técnico hoje.....	10
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
3.1 Resultados (questionário atletas).....	13
3.2 Resultados (questionário técnicos).....	18
4. CONCLUSÃO.....	22
REFERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

POLETTINI, Jorge Lazaro. **Motivação em equipes de futebol e futsal: A influência do técnico.** Rio Claro: DEF-IB-UNESP (monografia), 2009. [orient. Afonso Antonio Machado].

RESUMO

O comportamento de um atleta de futebol ou de futsal dentro de um jogo ou até mesmo nos treinos pode ser influenciado de diversas formas. Uma dessas refere-se às situações e condições impostas pelo treinador de uma equipe que facilitem ao atleta motivar-se, sendo este um fator bastante relevante para o sucesso da mesma. Com isso, propõe-se a idéia de que a oportunização de condições favoráveis à motivação seja indispensável. Em virtude da necessidade de tentar descrever e analisar a motivação e suas manifestações em equipes de ambos os esportes, o estudo vem analisar a influência do técnico perante seus atletas em relação à motivação das equipes tanto antes quanto no decorrer dos jogos. Este trabalho foi de natureza qualitativa com revisão bibliográfica, na qual será utilizado um questionário aplicado a uma amostra intencional composta por indivíduos atletas (total de vinte atletas) e técnicos (três) de futebol e de futsal, da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. Para a coleta, optamos pela abordagem direta, em períodos de treinamento, não levando em conta se antes, durante ou depois destes, mas apenas a possibilidade de coletar os dados. Constatamos que há interferência do nervosismo do técnico sobre o rendimento atlético e que a amizade do técnico com seus atletas e o conhecimento daquele é benéfico para o equilíbrio grupal.

Palavras-chaves: futebol, futsal, psicologia do esporte, técnico esportivo, treinamento psicológico, motivação

1. INTRODUÇÃO

Muitos estudos vêm sendo feitos a respeito da motivação pessoal principalmente por sua inegável importância em diversas áreas. Na área do esporte e da atividade física, a literatura traz vários conceitos e aplicações para esse tema, focando tanto o rendimento do aluno/atleta, quanto à importância da aderência aos programas de atividades físicas.

Firma-se ainda mais a importância da motivação, quando recorremos a autores como (RODRIGUES, 1991, p. 26), que diz :“ Um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa é, sem dúvida a motivação que influi com muita propriedade em todos os tipos de comportamento” e a (GOUVÊA, 1997, p. 167) que afirma: “Em relação ao treinamento esportivo em qualquer ambiente, contendo a motivação constitui-se um dos elementos centrais para a execução bem sucedida”.

Tal idéia é reforçado por (PAIM 2001), que relata que numa relação ensino-aprendizagem, em qualquer ambiente, conteúdo ou momento, a motivação constitui-se como um dos elementos centrais para a sua execução bem sucedida.

Reconhecendo então, o papel de grande importância da motivação aos atletas em seus respectivos esportes, cabe aos treinadores saberem estabelecer as metas à seus comandados, no sentido de aguçar a percepção acerca das potencialidades e limitações de seus atletas, mediando assim os motivos individuais em relação aos alvos a serem alcançados (MACHADO, 1997).

2. REVISÃO DE LITERATURA

Trataremos do estudo das questões relativas ao preparo psicológico das equipes esportivas e da questão relativa ao contato técnico-atletas, quando se busca um fator motivacional que amplie o rendimento atlético.

2.1 Motivação

O termo motivação tem suas raízes no verbo latino **movere**, que significa mover. A motivação implica movimento, ativação, por isso, para descrever um estado altamente motivado, são utilizados termos como: excitação, energia, intensidade e ativação. Entretanto, um dos equívocos sobre a motivação desportiva consiste em relacioná-la com a ativação emocional.

Alguns treinadores acreditam que, antes da competição, devam usar "técnicas" que aumentariam ao máximo os níveis de ativação dos seus atletas, tais como: gritos, insultos e murros. Tudo isso porque consideram que, quanto mais ativados emocionalmente se encontrarem seus pupilos, a motivação subiria ao máximo. Porém, sabe-se que a motivação e a ativação são construções separadas e independentes entre si.

Outra prática desastrosa comum no treinamento é a de criar nos desportistas expectativas pouco realistas sobre suas possibilidades na competição. A famosa frase: "tu podes fazê-lo!", encerra um alto risco em si mesma, posto que, se o desportista não alcançar as expectativas previstas, poderá sofrer um efeito "catastrófico" que fará com que diminua a sua motivação, afetando a confiança no seu treinador e em si próprio.

Por último, convém citar os treinadores que consideram a motivação um traço estável de personalidade do atleta e, portanto, imutável no tempo. (LYKAWKA et. al 2009).

Segundo Murray (1983), apesar de diferentes concepções sobre a motivação, os estudiosos do assunto concordam que se trata de um fator interno, que se inicia, dirige e integra o comportamento humano, não se tratando de uma ação diretamente observada, mas sim algo que se pode deduzir a partir do comportamento deste indivíduo.

Cratty (1984) relata que o termo motivação indica os processos e fatores que conduzem os indivíduos a uma ação ou à inércia em várias ocasiões.

Feijó (1998) define motivação como "o processo de mobilizar necessidades pré-existentes que sejam relacionadas com os tipos de comportamento capazes de satisfazê-las", ou seja, é transformar seus objetivos em realidade, buscando meios para que isso ocorra.

Weinberg e Gould (2008) definiram a motivação como a direção e a intensidade de um esforço. A direção do esforço está ligada a aproximação, atração ou busca de certas situações e a intensidade do esforço seria a intensidade do esforço aplicada a essas determinadas situações.

Coelho (2006), em seu estudo, cita Serrano (2003), que por sua vez se baseia na idéia de Maslow, na qual entende-se que a motivação é o resultado dos estímulos que agem com força sobre os indivíduos, levando-os a ação. Para que haja ação ou reação é preciso que um estímulo seja implementado, seja decorrente de algo externo ou proveniente do próprio organismo.

Segundo (VOSER et al 2009), "Os autores ainda categorizaram o conceito de motivação como percebido pela sociedade em geral. Para estes autores, são três as orientações como a maior parte dos indivíduos conceitua a motivação. A visão centrada no traço, a visão centrada na situação e a visão interacional.

A visão centrada no traço, também pode ser chamada de visão centrada no participante, acredita que o comportamento motivado se dá basicamente em função de características individuais. A visão centrada na situação acredita que o nível de motivação esteja intimamente ligado à atividade (situação). E por último a visão interacional sustenta que a motivação é a interação entre os dois fatores anteriores.

2.2 Motivação e Motivo

(ISLER, 2002) diz que o motivo é uma mola propulsora responsável pelo início e manutenção de qualquer atividade executada pelo ser humano, fazendo assim, com que não possa se falar de motivação sem lembrar do motivo.

Então para se ter um atleta motivado, precisa-se de um motivo (interno ou externo) que faça com que ele consiga alcançar a meta estabelecida.

É importante saber que em determinadas circunstâncias, alguns motivos adquirem predominâncias sobre os outros orientando o atleta para certos objetivos, ou seja, direcionando o seu comportamento. Da mesma forma, certos objetivos tem maior intensidade em diferentes atletas, dependemos de fatores como a personalidade de cada um, bem como atletas diferentes podem realizar a mesma atividade animados por motivos diferentes e intensidades diferentes (MORAES, 2006).

Percebe-se então, uma relação entre motivo, motivação e comportamento humano que pode ser comprovada quando (MACHADO, 1995) diz que: “A chave do controle do comportamento humano é o conhecimento da motivação, sendo de suma importância à consideração da intensidade dos diferentes motivos, para seu eficiente controle”.

Em relação a isso (GOUVÊA, 1997) explica que alguns motivos têm maior importância sobre outros e isso faz com que o indivíduo opte por determinado tipo de ação ou comportamento.

“Cratty (1983) comentou que, de modo específico, o estudo dos motivos implica no exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas, com maior empenho do que outras ou, ainda, persistir numa atividade por longo período de tempo”. (VOSER et al 2009, p.79)

Portanto, para se falar em motivação é preciso analisar vários fatores como as prioridades e intensidades dos motivos, a personalidade do indivíduo

e também as forças internas e externas (intrínsecas e extrínsecas) que envolvem toda a situação.

2.3 Motivação Intrínseca e Extrínseca

A tentativa de chegar aos seus objetivos, metas propostas anterior a realização, levando em conta apenas o êxito e a satisfação pessoal, sem influências externas, é conhecida como motivação intrínseca. O contrário, a preocupação ou o desejo, de se alcançar alguma objeto ou posição de destaque perante o ambiente social é chamado de motivação extrínseca.

“Segundo Machado (1995) a motivação intrínseca é inerente ao objeto de aprendizagem, à matéria a ser aprendida, ao movimento a ser executado, não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Deriva-se da satisfação inerente à própria atividade de aprender. O autor considera a motivação extrínseca mais relacionada à própria atividade de aprendizagem, não sendo resultado do interesse, mas sim, determinada por fatores externos à própria matéria a ser aprendida” (MORENO, 2006, p.12).

Com a ausência da motivação extrínseca a motivação intrínseca pode se tornar mais forte (GILL 1988). Um exemplo disso podem ser as pessoas que se dedicam intensamente a uma atividade sem que haja alguma recompensa externa.

Moreno (2006) ainda diz que “Dentre as fontes motivacionais extrínsecas, a família e os técnicos têm grande importância, pois, na maioria das vezes, partirão destes o apoio e o incentivo que poderá influenciar diretamente os atletas no decorrer de suas carreiras”.

Samulski (2002) afirma que "a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos)".

Para Sabrini (1990), a motivação é a força propulsora da conduta, sendo que o que faz com o que o indivíduo fique apto a executar determinadas ações é a condição interna do mesmo.

“A motivação intrínseca se define como a motivação para participar de uma atividade por causa dela mesma (orientada pela ação, diversão, superação, prazer, orgulho) e possui duas subdivisões :

1. Tarefa: quando a motivação se dá em razão do prazer ou orgulho realizar a atividade;
2. Ego: quando a motivação é fruto de necessidade de realizar a tarefa para alcançar uma melhora física, psíquica ou intelectual, visando bem-estar geral. Já a motivação extrínseca se define como a motivação controlada externamente através de indicações externas, influência de outras pessoas e reforços positivos e negativos, e também possui duas subdivisões:

- I. Recompensa: quando a motivação se dá para que se possa alcançar algum benefício ou recompensa através da atividade;
- II. Aprovação Social: motivação se dá por estar junto com um determinado grupo ou até mesmo ser bem visto por ele. (ROBERTS et al, 1986 apud SCHUTZ et al, 2009).

Deci e Ryan (2000) reforçam que a motivação intrínseca é a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. É ela também que faz com que o ser busque, naturalmente, novos desafios e com isso possa colocar em prova as suas capacidades. A motivação extrínseca se dá quando a recompensa não é obtida através da atividade, mas em consequência dela.

Mesmo sabendo que a motivação intrínseca seja mais influente que a extrínseca, deve-se considerar os efeitos de ambas as fontes motivacionais (MACHADO, 1995), já que os objetivos e metas esportivas podem ser alterados de diversas formas pela ação da motivação por fatores externos (extrínseca) sobre a motivação por fatores internos (intrínseca).

Por tudo isso, concretiza-se a importância e a influência do treinador no comportamento motivado.

2.4 Papel motivador do técnico

A psicologia para os atletas, no sentido da motivação, concentração, autoconfiança e a coesão grupal é de grande importância (ROFFÉ, 2002).

Como foi citado anteriormente nesse estudo, o estabelecimento de metas é o fator principal no que diz respeito à potencialização do sentimento motivador.

Cruz e Viana (1996, p.282) dizem que “saber estabelecer objetivos é uma competência que deve ser ensinada e aperfeiçoada pelos atletas”. E ainda complementam: “Portanto, o estabelecimento de metas deve ser atrativo, desafiador e realista, com caráter específico e controlável, tendo o professor/técnico um papel de grande importância no planejamento e estabelecimento destas...”

Segundo Machado (1995) existem pessoas que são motivadas pelo sucesso e outras que são motivadas pelo fracasso. O primeiro grupo de pessoas se destaca por terem um nível de exigência executável, demonstrando coragem para atingirem suas metas e responsabilizando seus fracassos à motivos externos (motivação extrínseca) ou a falta de esforço (motivação intrínseca), enquanto o outro grupo de pessoas têm um alto nível de exigência, tendendo à uma conduta extremamente fraca, atribuindo seu fracasso à falta de talento.

Cabe ao treinador então, lidar com extremo cuidado ao estabelecer suas metas, tanto coletivas, quanto individuais.

“A técnica de auto-afirmação pode ser utilizada através de reforço material, do elogio, ou até mesmo, como reforço antecipado, no qual se motiva o atleta por meio de pensamentos sobre a(s) possível (is) recompensa(s), caso ele seja vitorioso. A auto-afirmação negativa, como a autocrítica e a auto-repreensão, também podem ter um efeito motivador” (SAMULSKI, 1992 apud MORENO, 2006, p. 15).

2.5 Relação técnico/atleta

Segundo Marques e Kuroda (2000, p.132) o técnico tem um papel bem mais amplo do que somente a orientação prática. Ele deve orientar seus atletas na construção da identidade do indivíduo.

Tubino (1980, p.353) atribui a formação da personalidade do atleta ao técnico, reforçando ainda mais a responsabilidade do mesmo.

A personalidade do técnico é um fator determinante para que se consiga um bom relacionamento com os atletas, já que todas suas atitudes servirão de exemplo na vida de seus dirigidos (SOBRINHO, MELLO E PERUGGIA, 1997, p.70).

As relações entre o técnico e seus atletas (interpessoais) podem ser baseadas em três pilares. O primeiro inclui a necessidade de dominar e controlar ou ser dominado e controlado por alguém; o segundo baseia-se no princípio de reciprocidade, onde tanto um como o outro pode aceitar ou não a socialização; e por último é colocado a necessidade de se mostrar amor e carinho para com os outros e também de receber esses sentimentos de volta, levando mais para o lado da relação afetiva (CRATY, 1994).

Existe um momento na vida da criança em que ela desliga-se das interferências familiares e acaba tendo a escola, os amigos e os professores como novo núcleo de influências, rompendo assim com o modelo de educação que recebia em casa (BOCK, FURTADO e TEIXEIRA, 1995).

Portanto numa situação de técnico e equipe juvenil, o treinador representará o líder dessas crianças, tendo assim o papel de pai, colocando se com autoridade, como um rígido superego, para frear e guiar os instintos de seus filhos (ANTONINI e PANSERA, 1987 apud MACHADO, 2006).

Essa dependência e influência que o treinador exerce sobre seus atletas podem ser confirmadas em depoimentos coletados no livro Psicologia do Esporte (Machado, 2006, p.191):

Narrador 01 – *Com o treinador? Nossa!!...o treinador...meu último treinador agora que nós 'estamos' até hoje...graças a Deus...ele é 'pra' mim é!,...igual a um*

pai...conversa comigo...dá bastante moral...quando 'tô' mal ele me apóia...

Narrador 04 – *Principalmente nessa idade quando a gente sai de casa, o treinador é fundamental (...) uma figura do treinador é uma pessoa boa... 'tá' ali como um segundo pai...uma pessoa que vai te ajudar nas horas difíceis...e que...é...enfim é uma pessoa que 'ta' ali do seu lado para te ajudar. (...) O que mais eu acatava também eram as atitudes (...) as regras.*

Narrador 05 – *Você tem no início,...como garoto,...adolescente...você tem no treinador às vezes seu pai, às vezes seu amigo, às vezes seu irmão.*

Narrador 06 – *Na verdade, era como se fosse um pai para nós, 'né'. A gente se espelhava muito nele, principalmente eu. Eu ouvia muito, os comentários, os conselhos, para que a gente pudesse seguir uma carreira honesta.*

Craty (1984, p.181) afirma que o técnico, no papel de líder, pode seguir por dois caminhos. Ou segue se preocupando mais com os resultados, deixando de lado as relações pessoais e sendo mais autoritário, ou então, é mais carismático, valorizando o contato pessoal com todos integrantes da equipe.

Esse autor lembra também da necessidade do treinador controlar e manter seu grupo num ambiente agradável socialmente, pois numa situação de tensão da equipe é preciso alguém para assumir os riscos, proporcionando assim um controle no nível de ansiedade dos atletas.

Já Brandão (2000), nesse contexto, resumi o papel do técnico como um líder autoritário ou um líder democrático.

Ainda falando do fator liderança, Brandão (2000) diz que é muito importante que o treinador tenha a consciência desse papel no comando da equipe e que consiga tornar harmoniosa a vida em grupo, pois assim certamente haverá um aumento da motivação de seus atletas.

Moioli (2004) ressalta a importância da experiência profissional do técnico, afirmando que ela contribui para desenvolver a conduta ou comportamento de seus comandados e que os mesmos podem ser manipulados conforme seus interesses, sejam profissionais, pessoais ou físicos.

Para Antonini e Pansera (1987) é essa experiência, juntamente com as habilidades do profissional, que trazem a segurança que o adolescente precisa ter para aceitar-se numa posição de subordinado e de poder (autoridade) do técnico.

Mais é preciso cuidado com essa autoridade e poder conferidos pelo cargo, porque isso pode acarretar numa instabilidade emocional tanto na relação técnico/atleta como na relação entre os próprios atletas, pois aqueles que possuem uma maior liberdade, proximidade e amizade com o técnico podem causar uma desconfiança, ciúme ou insegurança nos demais do grupo (MOIOLI, 2004).

2.6 O técnico hoje

Segundo Becker Júnior (apud BARBIERI, 2007), hoje o treinador esportivo, principalmente o de alto rendimento, alcançou grandes níveis de valorização antes nunca visto no futebol, de forma que eles têm que saber lidar com diversos tipos de pressão como, por exemplo, as pressões políticas, esportivas e principalmente as da mídia.

Analisando essas pressões e aproveitando o contexto, Costa (2006) afirma que o treinador passa por muitas mudanças no ambiente em que atua, além de receber pressão por parte do público (por lidar diretamente com o mesmo), consolidando então, uma instabilidade muito grande no trabalho, onde um simples mal resultado pode acarretar numa demissão ou, dependendo das proporções, uma rejeição a nível nacional.

Por falar em nível nacional, Franzin (2005) ressalta a importância da motivação nas equipes desportivas, usando como exemplo a Copa do Mundo de 2002, onde o Brasil chegou com um time desacreditado, e por méritos do treinador Luis Felipe Scolari, conseguiu a união, a motivação e o empenho de todo o grupo, chegando ao título mundial.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

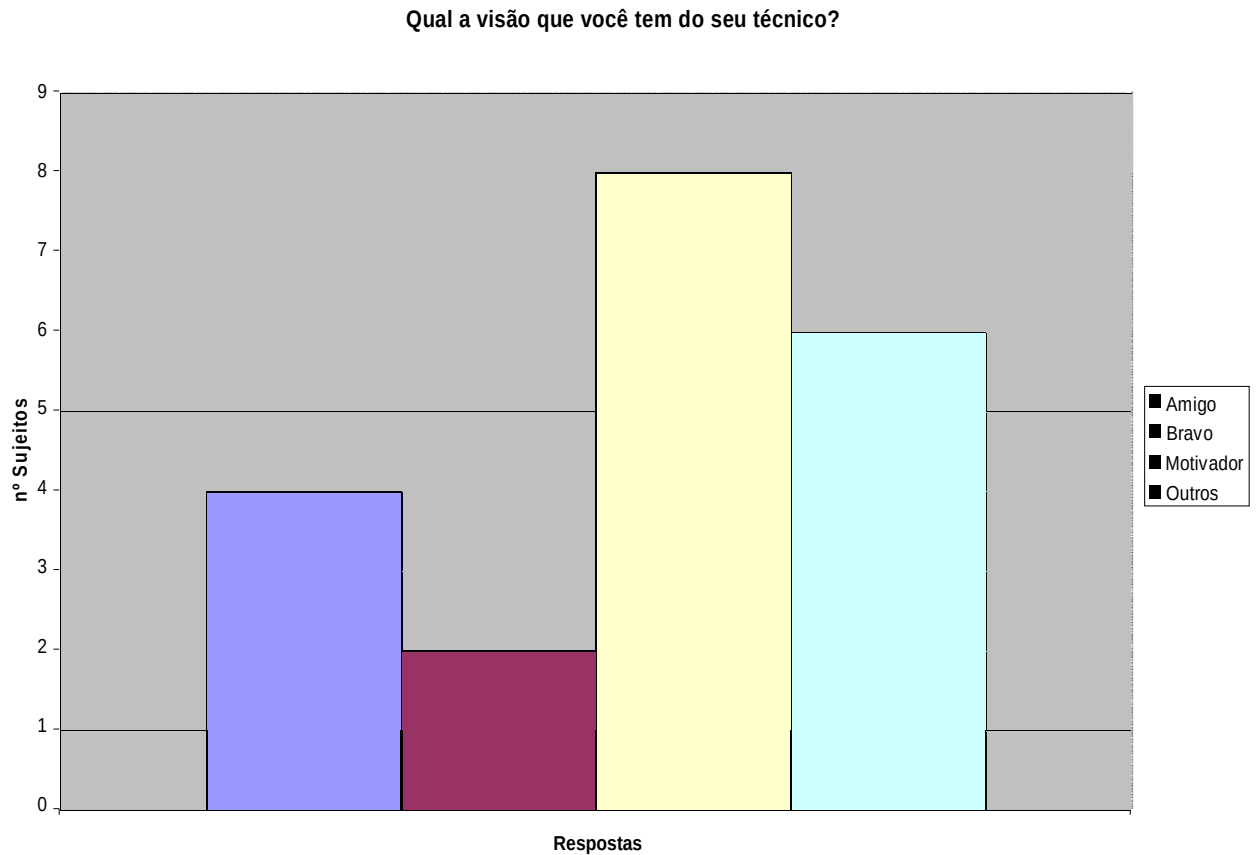
Em virtude da necessidade de tentar descrever e analisar a motivação e suas manifestações em equipes de ambos os esportes, futebol e futsal, ***o estudo vem analisar a influência do técnico perante seus atletas em relação à motivação das equipes tanto antes quanto no decorrer dos jogos.***

Diante do objetivo citado acima, este trabalho foi de natureza qualitativa com revisão bibliográfica, complementado com a utilização de um questionário aplicado a uma amostra intencional composta por indivíduos atletas (total de vinte atletas) e técnicos (três) de futebol e de futsal, da cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo.

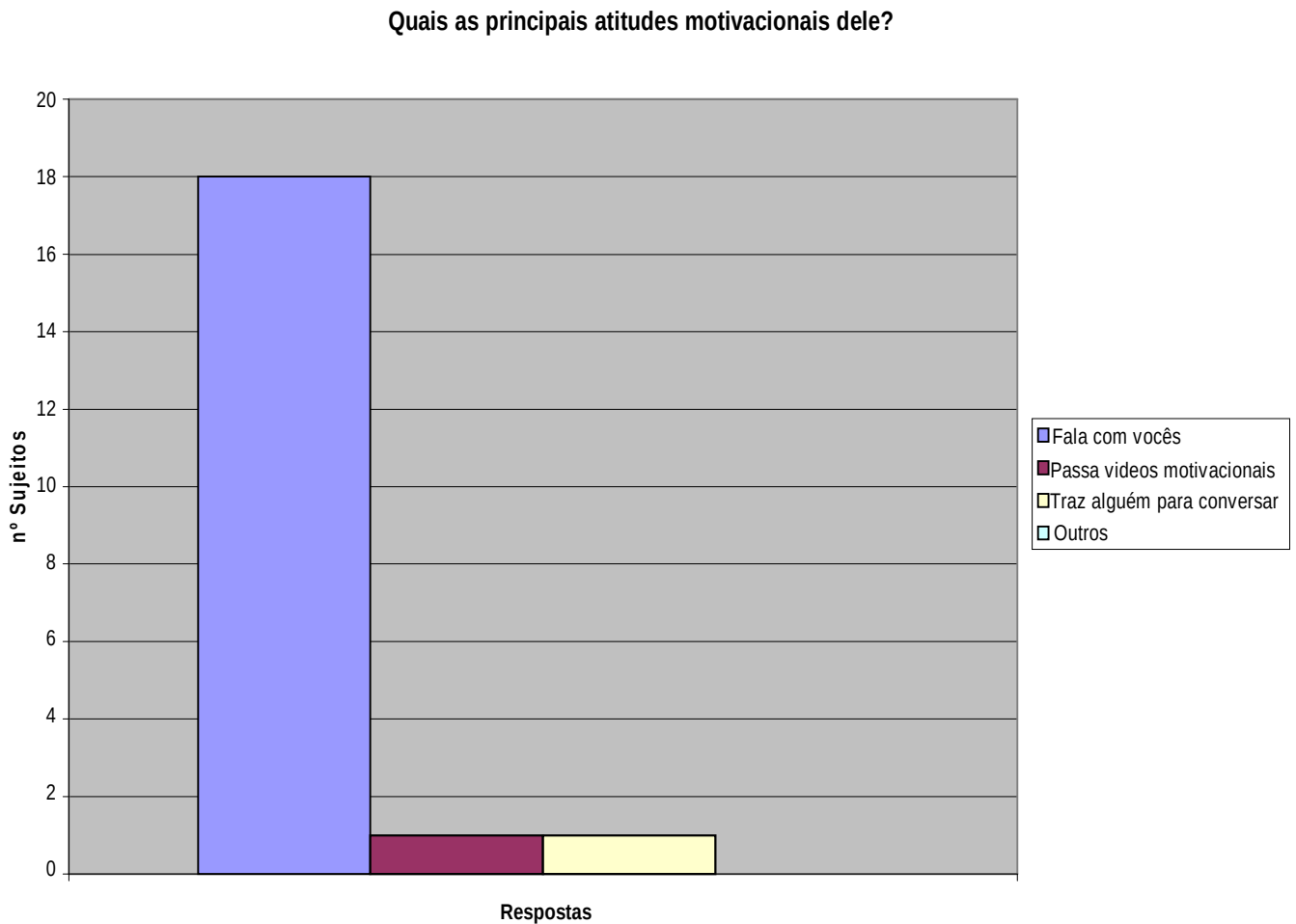
Para a coleta, optamos pela abordagem direta, em períodos de treinamento, não levando em conta se antes, durante ou depois destes, mas apenas a possibilidade de coletar os dados.

Nossos atletas eram do sexo masculino, com idades variando de 11 a 24 anos e a idade dos técnicos variou entre 22 e 27 anos. Os técnicos analisados eram profissionais cuja formação era no curso de Educação Física, apesar de um ainda ser estagiário.

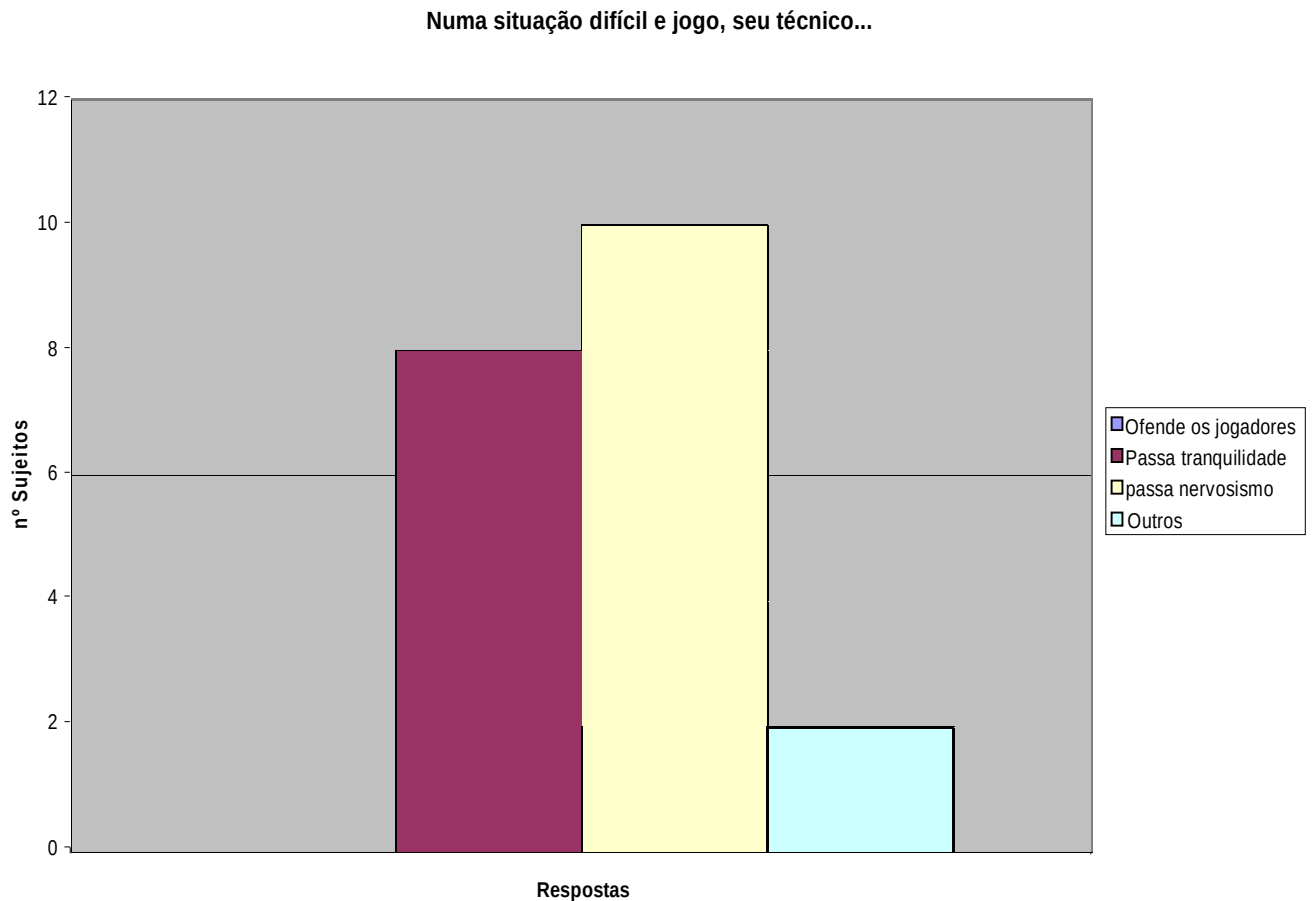
3.1 Resultados



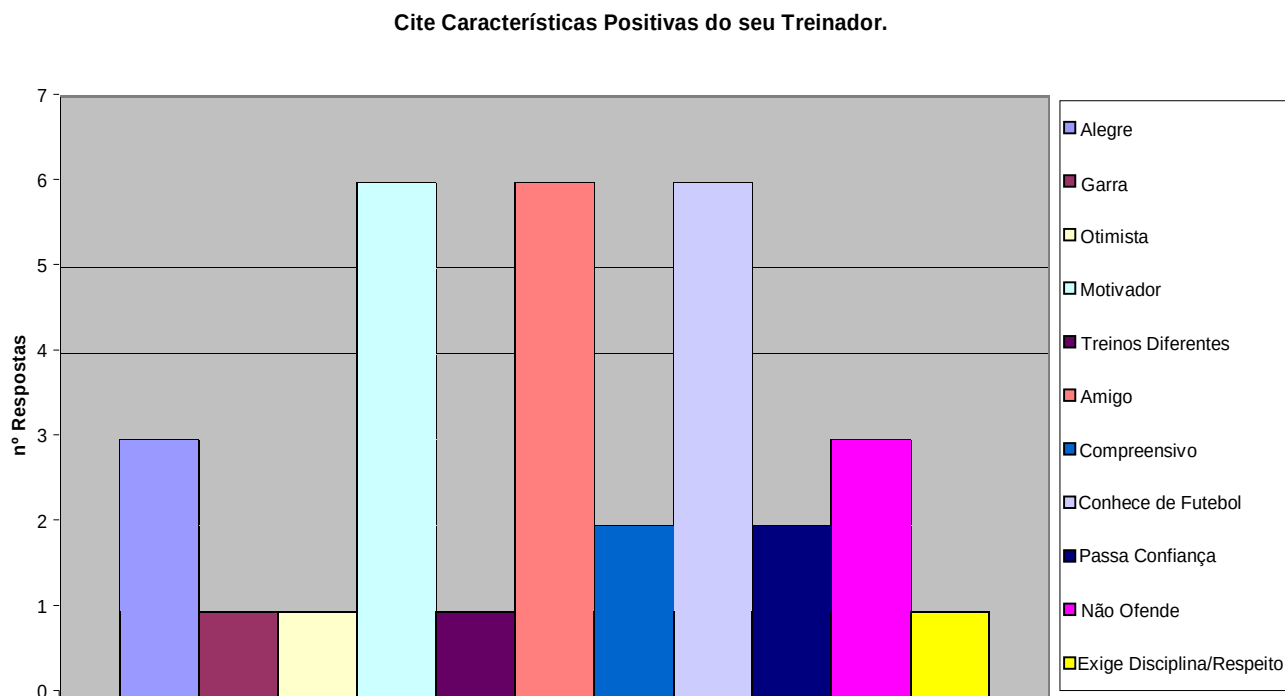
Essa é uma questão bastante pessoal, que procura observar o sentimento do atleta em relação ao seu treinador. A resposta “motivador” aparece em maior destaque, o que demonstra a importância de se conseguir manter sua equipe motivada para os jogos e treinos. A categoria “outros” aparece como a segunda opção mais respondida e tem como 100% de resposta a junção das categorias “amigo” e “motivador”, mostrando que o técnico além da função de líder motivador, tem o papel da amizade e companheirismo para com os seus comandados.



Por se tratar de equipes simples, que não tem o caráter profissional, nem são equipes de alto rendimento, as principais atitudes motivacionais dos técnicos estudados recaem na conversa com seus atletas, até mesmo por uma questão de estrutura das equipes, que não proporcionam um ambiente propício para um outro tipo de atitude motivacional se não a conversa. Acredita-se que até desconheçam os recursos interpessoais que poderiam ser acionados para atuarem sobre e com a preparação psicológica em foco.

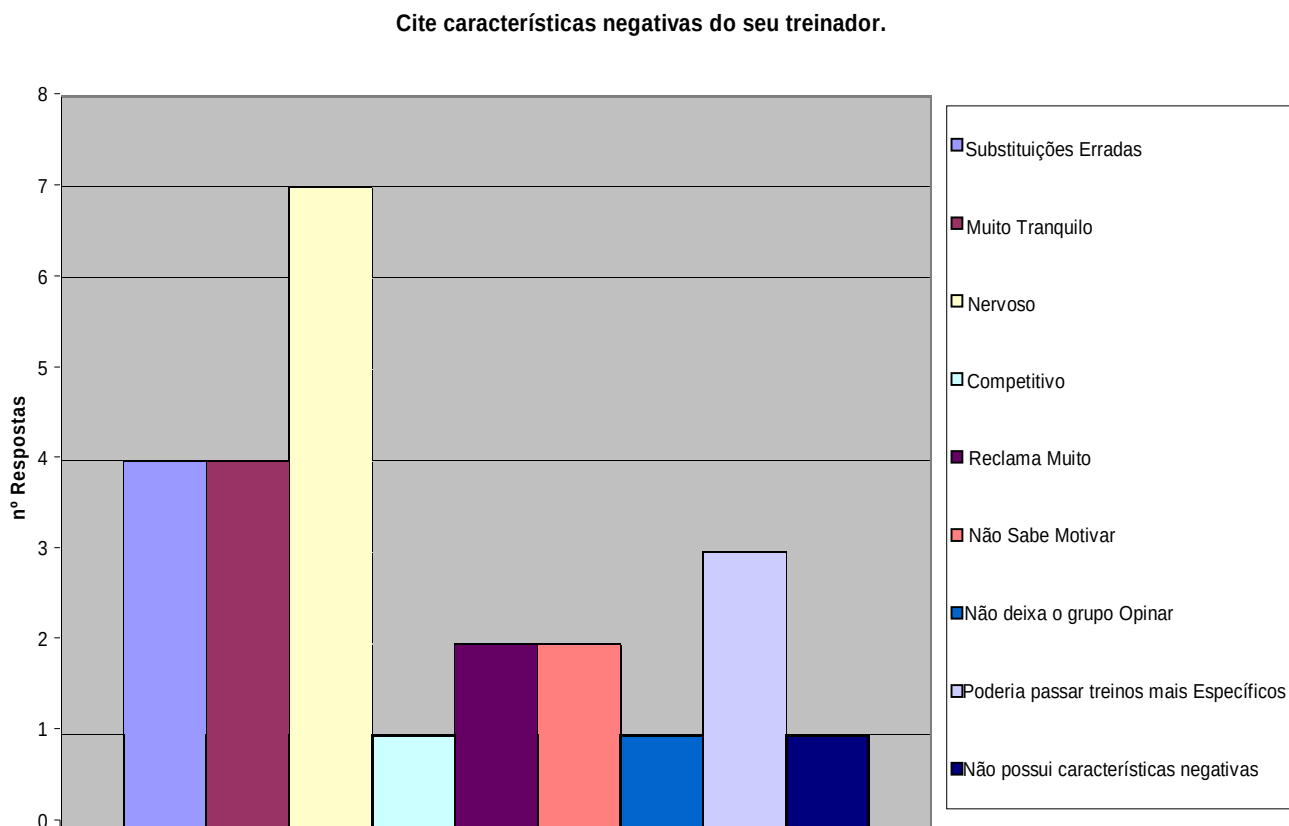


As respostas desta pergunta apontam uma conduta muito comum nos técnicos em uma situação difícil de jogo, a de passar nervosismo para seus atletas, podendo modificar as ações dos jogadores dentro do mesmo. Mas em contrapartida, 40% dos entrevistados ressaltam a tranquilidade do técnico em situações complicadas de jogo. Um outro ponto importante a ser comentado dessa questão é a de a categoria “ofende jogadores” não ter tido citada pelos atletas, mostrando um pouco do perfil dos técnicos estudados.



Pode - se perceber que as categorias “amigo” e “motivador” aparecem novamente entre as mais respondidas, mas dessa vez junto com uma outra, “conhece de futebol”. Isso demonstra a importância de o técnico passar para os seus atletas o conhecimento da modalidade que ele possui, conseguindo assim a confiança dos mesmos.

A alegria do treinador, juntamente com o tratamento sem ofensas durante os jogos também aparecem com certo destaque nessa pesquisa.



Nessa pergunta consegue-se observar o incômodo que a maioria dos atletas pesquisados tem com o nervosismo dos seus respectivos técnicos. Mas a tranquilidade em excesso também é bastante questionada, mostrando o descontentamento dos jogadores com os técnicos de caráter mais imparcial, que não apresentam um sentimento conjunto a equipe numa situação de jogo, sendo muito tranquilo e não entrando no clima do jogo.

Outra resposta que foi repetida quatro vezes é a “substituições erradas”, que mostra a insatisfação dos atletas com relação as substituições feitas pelo técnico, lembrando que a maioria dos entrevistados eram de escolinhas de futebol e sendo assim, muitas vezes o técnico é obrigado a colocar todos para jogar.

3.2 Resultados

1) Você conhece a vida pessoal de seus atletas?

a) Todos

b) Apenas de alguns. Quais? Como escolhe estes alguns?

c) de nenhum

Diante desta questão, um técnico respondeu que conhece todos seus atletas de maneira ideal e 2 técnicos apontam que conhecem apenas alguns, dando o motivo da aproximação deles

Essa é uma pergunta muito importante, já que pudemos constatar nas questões respondidas pelos atletas que a aproximação afetiva e demonstração de interesse do técnico na vida pessoal de seus atletas, ou seja, amizade entre quem comanda e quem é comandado, transforma-se em confiança e admiração no treinador, facilitando seu trabalho como motivador.

Pensando dessa maneira podemos analisar as repostas dos treinadores e perceber que o Técnico 1 pode levar uma certa vantagem no fator motivação em relação aos demais Técnicos (2 e 3), pois tem conhecimento da vida pessoal de todos seus atletas.

Os Técnicos 2 e 3 conhecem bem, apenas alguns, tendo assim, segundo eles próprios, maior aproximação “apenas dos que tem maior afinidade”, o que pode gerar a falta de confiança dos alunos ou atletas que não estão tão próximos.

2) Você se preocupa com as atitudes extra-jogo de seus atletas?**a) Sim. Preocupo-me com...****b) Não. Não preocupo-me com...**

Existe uma assertiva que atende plenamente a questão, pois todos os três técnicos garantem ter a preocupação com a questão de modo amplo, conforme observamos nos comentários analisados abaixo.

Nessa questão podemos observar que todos os técnicos se preocupam com as atividades extra-jogo de seus atletas e quando perguntado com o que é exatamente é essa preocupação as respostas foram as seguintes:

Técnico 1: “ Com o comportamento com relação aos companheiros da equipe adversária e da própria equipe. Assimilação das derrotas e vitórias.”

Técnico 2: “A educação que os atletas trazem do berço pode ser considerada muito importante dentro de sua atividade esportiva.”

Técnico 3: “ Me preocupo com suas atitudes diante da sociedade, atitudes como cidadãos.”

Pode-se constatar nessas respostas que os técnicos têm a preocupação com a formação de seus atletas, já que eles trabalham com adolescentes e num ambiente que não visa o alto rendimento.

3) Você estabelece metas antes do início de um trabalho?

- a) Sim**
- b) Não**

Trabalhar com metas parece ser a tônica destes treinadores que apontam esta prática. Segundo Machado (1997) o estabelecimento de metas é fundamental para que se possa alcançar os objetivos propostos anterior a um trabalho, promovendo a motivação dos atletas. Portanto os treinadores pesquisados trabalham de forma correta nesse sentido, já que 100% deles traçam metas antes do inicio de um trabalho.

Este tipo de trabalho ajuda a não termos um treinamento voltado a questões que fujam do controle da equipe técnica nem dispersem a atenção dos atletas, demasiadamente, fazendo com que almejam o impossível ou satisfaçam-se com menos do que são capazes.

4) O que você usa/faz para motivar sua equipe?

Técnico 1 – “ Tento incentivar positivamente os alunos, evitando críticas severas.”

Técnico 2 – “ A ênfase no treinamento, a dedicação naquilo que faz e as comparações que os adversários fazem mostrando inferiorização e desprezo.”

Técnico 3 – “Dou exemplos de sucesso e de derrotas para que não repitam os mesmos erros.”

Podemos perceber que o técnico 1 tenta motivar sua equipe, controlando-se e evitando as críticas mais severas. Já o Técnico 2 prefere enfatizar os treinamentos e usa o desprezo das equipes adversárias como forma de motivação.

O técnico 3 usa exemplos de superação e também exemplos de erros que aconteceram em equipes do esporte para que seus atletas possam se motivar a vencer.

Estas formas de intervir, de modo pessoal e sem orientação adequada pode resultar em positivo, por um momento do trabalho, mas perde a eficiência em sua repetição ou em dificuldades mais acentuadas ou constantes, sugerindo a necessidade de um especialista da área, para o manejo daquilo que causa dano.

4. CONCLUSÃO

O atleta de futebol e de futsal tem seu comportamento afetado diversas vezes, tanto no jogo quanto nos treinos. O treinador é responsável por várias dessas modificações e pode motivar sua equipe de forma positiva ou negativa, fazendo com que seu time tenha ou não sucesso.

O estudo pode, observando as atitudes motivacionais propostas pelos técnicos, analisar sua influência perante a equipe, antes, durante e após os jogos.

Constatamos que há interferência do nervosismo do técnico sobre o rendimento atlético e que a amizade do técnico com seus atletas e o conhecimento daquele é benéfico para o equilíbrio grupal.

Fica clara então, a importância do contato amistoso entre o técnico e seus atletas, para que se possa conseguir a confiança da equipe no próprio treinador.

O técnico também precisa passar para seus atletas um conhecimento da modalidade, para que os mesmos sintam a confiança, relatada acima, no seu trabalho e possam assimilar suas ordens, cumprindo-as sem temor e sem dúvida.

A alegria com que se trabalha juntamente com o aspecto motivador, também podem ser considerados base para um bom relacionamento técnico/atleta, lembrando sempre que a motivação do grupo esportivo precisa ser trabalhada a longo prazo e que as motivações “instantâneas”, como citadas pelos treinadores nos questionários, funcionam num primeiro momento, mas pode ir perdendo sua eficácia a medida em que é repetida diversas vezes.

É ressaltado enfim, a necessidade de se instalar tanto uma avaliação quanto um acompanhamento psicológico nas equipes de futebol e futsal, seja

elas de iniciação na modalidade de crianças e adolescentes, sem o caráter de rendimento, seja nos grupos profissionais, que visam à alta performance.

Esse trabalho conclui, por fim, que serve de apoio tanto para profissionais das modalidades, quanto para futuros estudos sobre a área de psicologia do esporte no futebol e futsal. Acredita-se que um trabalho psicológico deva estar no programa de treinadores atualizados e preocupados com o rendimento de seus atletas, em qualquer que seja a categoria ou tipo de campeonato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. KELLER, B. OKOZAKI, F.H.A. OLIVEIRA, S. COELHO, R.W. A influência do tempo de prática na motivação intrínseca de atletas de futebol masculino, da categoria juvenil de clubes profissionais. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, n. 96, Maio. 2006. Disponível em: < www.efdeportes.com.>

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O. ; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologia**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1995.

BARBIERI, F.A. **As influências sofridas pelos treinadores de futebol na escalação da equipe**. Trabalho de conclusão de curso, em Educação Física. 2007. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

BRANDÃO. M. R. F. O papel do treinador como motivador do treinamento desportivo. In: DOBRANSZKY, I. A.; MACHADO, A. A. **Delineamentos da psicologia do esporte**: evolução e aplicação. Campinas: Tecnograf, 2000.

COSTA, M.R. **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Musa editora, 1999.

CRATTY, B. J. **Psicologia no Esporte**. Tradução de Olívia Lustosa Bergier. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice/Hall do Brasil, 1984.

DOMENICO L.D. SCHÜTZ, G.R. Motivação em idosos praticantes de musculação. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n. 130, Março. 2009. Disponível em: < www.efdeportes.com.>

FRANZIN, R.T.M. **A influência da motivação do técnico sobre atletas juvenis de voleibol**: um estudo da psicologia do esporte. Trabalho de conclusão de curso, em Educação Física. 2005. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

GOUVÊA, F. C. Motivação e o esporte: uma análise inicial. In: BURITI, M. de A. (Org.) **Psicologia no Esporte** – Coleção psicotemas. Campinas: editora Alínea, 1997, p. 149-173.

HERNANDEZ, J.A.E. VOSER, R.C. LYKAWKA, M.G.A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 77, Outubro. 2004. Disponível em: < www.efdeportes.com.

ISLER, G. L. **Atleta, seus pais o motivam para a prática esportiva?** Análise das histórias de vida. 2002. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

MORAES, A. Motivação para treinamento esportivo. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n.94, Março. 2006. Disponível em: < www.efdeportes.com.

MORENO, R.M. DEZAN, F. DUARTE, L.R. SCHWARTZ, G.M. Persuasão e motivação: interveniências na atividade física e no esporte. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 11, n. 103, Dezembro. 2006. Disponível em: < www.efdeportes.com.

MALAVASI, L.M. BOTH, J. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 89, Outubro. 2005. Disponível em: < www.efdeportes.com.

MOIOLI, A. **A convivência do técnico e os atletas adolescentes na modalidade de futebol: Uma análise intercondutal das relações afetivas na equipe.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências. Rio Claro, 2004

MARQUES, J. A. A.; KURODA, S. J. Iniciação esportiva: um instrumento para a socialização e formação de crianças e jovens. In: RUBIO, K. (Org). **Psicologia do Esporte, interfaces, pesquisa e intervenção**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p.125-137.

MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte:** da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2006.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte:** temas emergentes I. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO, A. A. Importância da Motivação para o Movimento Humano. In: **Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física**, São Paulo: Soc. Bras. Des. Educação Física, 1995.

RODRIGUES, P. A. **Motivação e Performance**, 1991. Monografia (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

ROFFÉ, M. **Fútbol de presion:** psicología aplicada al deporte. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2000. 190p.

ROFFÉ, M. El psicólogo deportivo incluindo en el cuerpo técnico: un delicado equilibrio. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, n. 50, jul. 2002. Disponível em: < www.efdeportes.com.>

SAMULSKY, D. **Psicologia do Esporte**: Teoria e Aplicação Prática. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1992.

SOBRINHO, L. G. P.; MELLO, R. M. F.; PERUGGIA, L. Influências de pais, técnicos e torcida. In: MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**, Temas Emergente I. Jundiaí: Ápice, 1997 p.57-80.

STAVISKI, G. DA CRUZ, W. M. Aspectos motivadores e desmotivadores e a atratividade das aulas de Educação Física na percepção de alunos e alunas. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n. 119, Abril. 2008. Disponível em: < www.efdeportes.com.>

TERRA, G.B. HERNANDEZ, J.A.E. VOSER, R.C. A motivação de crianças e adolescentes para a prática do futsal. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 13, n. 128, Janeiro. 2009. Disponível em: < www.efdeportes.com.>

TUBINO, M. J. G. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1980. p.343-364.

WINTERSTEIN, P. J. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE JR, D. et al (Org.) **Esporte e atividade física na infância e adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Afonso Antonio Machado
Orientador

Jorge Lazaro Polettini
Orientando